

REVISTA  
DE

# TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL  
DE TURISMO, PROPAGANDA,  
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE  
E LITERATURA □ □ □

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO V  
II SERIE

MAIO 1921  
N.º 107

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO  
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO  
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

## AS EXIGENCIAS DO TURISMO E OS SERVIÇOS OFICIAES

**D**UAS acertadas medidas — a autonomia da administração das estradas e a instituição dos syndicatos d'iniciativa — acabam de consagrar a ação do actual titular da pasta do Comercio e Comunicações, sobre um dos pontos que mais importa á defeza dos interesses nacionaes e que é a exploração da industria do turismo.

Essas duas medidas representam o producto d'um altissimo serviço. Pena é, porém, que elas não tenham sido mais completas.

N'uma sucinta analyse da primeira, pudemos constatar que, infelizmente, o pensamento do legislador não foi tanto além, quanto seria para desejar. Da rapida leitura que já fizemos do documento relativo á segunda, notámos um emmaranhado que, por certo, mais se complicará por falta de concisão do pensamento. Acresce ainda que o Regulamento que lhe deve dar exequibilidade, não foi publicado conjunctamente; o que mais incompleta e hesitante torna essa providencia, que devia sêr de resultados proveitosos se não enfermasse dos vicios burocraticos que tão precaria estão tornando a expansão do Turismo em Portugal.

Isso é simplesmente devido aos defeitos

d'organização da instancia oficial que directamente superintende n'este precioso ramo da nossa vitalidade.

Já por diversas vezes o temos dito.

E uma vez que o actual Ministro do Comercio tem mostrado empenho em fazer obra de proveitos praticos para a Nação, é indispensavel que, antes de mais nada, remodéle os atuaes serviços de turismo, a fim de que uma nova, completa e practica reorganização lhe possa facilitar a satisfação dos desejos por forma a que os resultados correspondam ás necessidades do Paiz.

O Turismo é uma industria muito complexa; e por isso mesmo, só uma manifesta e constante cohesão em todas as providencias que lhe digam respeito pode dar-lhes os resultados praticos e proveitosos que de ha muito são esperados.

Ora, para se conseguir esse desideratum, só transformando o existente e dando-lhe novos elementos de vida e de ação.

Emquanto tal se não fizer, continuaremos a viver á matroca, sem programa nem finalidade e emmaranhando mais ainda o que já hoje é bastante complicado.

JOSÉ LISBOA

# A FEIRA DE LISBOA

## INICIATIVA GORADA?

Como é publico e notorio, o jornal «A Patria» lançou, ha tempo, a pratica da idéa por nós anteriormente sugerida, de se realizar em Lisboa uma grande feira, que se repetiria anualmente, com o fim especial de mostrar, a nacionaes e a estrangeiros, os resultados das nossas riquezas industriaes e os progressos nos productos do nosso rico sólo.

Belamente aceite foi essa idéa, que alarmou todo o Paiz, fazendo surgir de todos os lados os apoios moraes, os alvitres e indicações julgadas de proveitosa utilidade, n'um verdadeiro desejo de cada um a secundar, para o seu engrandecimento e pratica efectivação.

Com o prosequimento da campanha entusiasticamente mantida pela «Patria» e auxiliada por nós e pelos jornaes de grande informação, conseguiu-se a organização d'uma grande comissão, para levar a effeito a patriótica idéa; comissão que, após varias reuniões, se instalou definitivamente; tendo nomeado pequenas comissões para os trabalhos das diferentes secções de que se compõe a grande feira.

Embora não tivessem vindo a publico os trabalhos d'essa grande comissão e das sub-comissões em que ela se dividiu, noticiou-se, por vezes, que a sua ação se continuava exercendo com enthusiasmo; tendo-se chegado ao estudo do local para a realização d'esse certame, e da época em que ele devia ter logar. Sobre esta ultima parte, parece ter-se assentado em que a Grande Feira de Lisboa se inauguraria no presente mez de maio, aproveitando-se o favoravel ensejo da reunião, na nossa capital, da comissão inter-aliada do commercio. Apoiámos calorosamente essa idéa, defendendo-a com os poderosos argumentos que expuzemos na noticia que, sobre este interessante assumpto, inserimos em o numero 101 d'esta Revista, relativo a novembro do ano passado; a ele tendo-nos referido tambem no artigo principal no numero subsequente.

Sucede, porem, que, de ha tempos para cá,

principalmente depois da forçada suspensão da quasi totalidade da imprensa alfacinha, nunca mais se soube noticias nem dos trabalhos da grande comissão, nem dos das sub-comissões; dando-se o caso de estarmos em pleno mez de maio sem que se saiba ao menos o que aconteceu a essas entidades.

Dos jornaes suspensos por motivo da greve do pessoal, a «Patria» foi um d'elles; e esse órgão era quem alimentava o entusiasmo pela realização da idéa que chamou a si. Todavia, nos seus escriptorios nasceu e manteve-se o periodico intitulado o **Jornal**, que as empresas jornalisticas lançaram a publico como órgão da solidariedade entre elas existente.

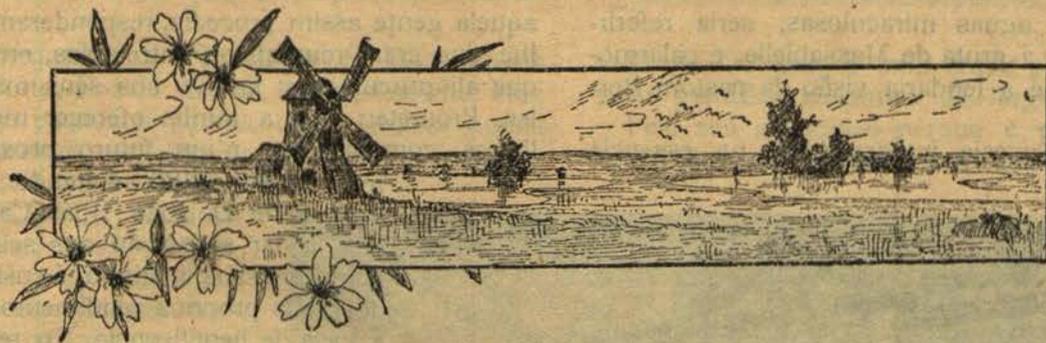
Ora, se essa solidariedade existiu de facto para a manutenção dos principios que ás empresas jornalisticas directamente importavam, de presumir era que ela se manifestasse tambem para a defeza dos interesses nacionaes, d'entre os quaes não podia deixar-se de contar os que se relacionavam com a efectivação da Grande Feira de Lisboa. Mas parece que assim não aconteceu, pois — que nos lembre — durante a ephemera publicação do «Jornal», nem uma só linha se publicou quer noticiando o prosequimento dos trabalhos para a realização d'esse certame, quer animando-os com sugestões, alvitres, idéas e medidas oportunas. Do que se conclue que — morto o bixo, a peçonha deixou d'existir — ou seja suspensa «A Patria» (jornal), a idéa... evolou-se.

— Será assim ???

— Não o sabemos bem ao certo; por isso, reprimimos as considerações que o caso nos sugere, esperando, algum tempo mais, que os factos se pronunciem para então fazermos a oportuna analyse.

Por agora limitamo-nos a este simples registo, a fim de salvuardarmos a nossa responsabilidade, visto que a idéa da realização da Grande Feira de Lisboa partiu da *Revista de Turismo*.

J. L.



## ESTANCIAS DE VERÃO

# CALDAS DA RAINHA

A terra portuguesa é toda cimentada de lendas e de tradições. Patria do amor, onde se gerou o sentimentalismo da

sonhar historias bemditas, lendo-as na tradição de poesias infindas, ou nos gemidos dolentes da guitarra.



nossa gente, ao som das vagas de mil praias cristalinas, ou dos écos dos vales verdejantes, que se vão cavando até às faldas dos serrêdos, só ela nos sabe fazer

Caldas da Rainha enleia-se na feição tradicionalista do nosso paiz. Lembral-as em qualquer parte, sem apontar a singeleza de uma rainha, encontrando no seu

trajecto aguas miraculosas, seria referir-mo-nos á gruta de Massabielle, e calarmos ante a lendaria visão da pastora Bernardette.

E' a poesia integrando-se na essencia



Hospital thermal Rainha D. Leonor

d'esta terra, já tão encantadora pelos seus predicados naturaes.

Creio que se não tivesse existido D. Leonor de Lencastre, teriamos de crear um symbolo, naturalmente pastoril, que fosse o interprete da impressão bucolica que sentimos, ao desfiar-se ante a nossa retina, a historia simples como a hera, desprerenciosa como a flôr da campina, inegalavel, do nosso torrão.

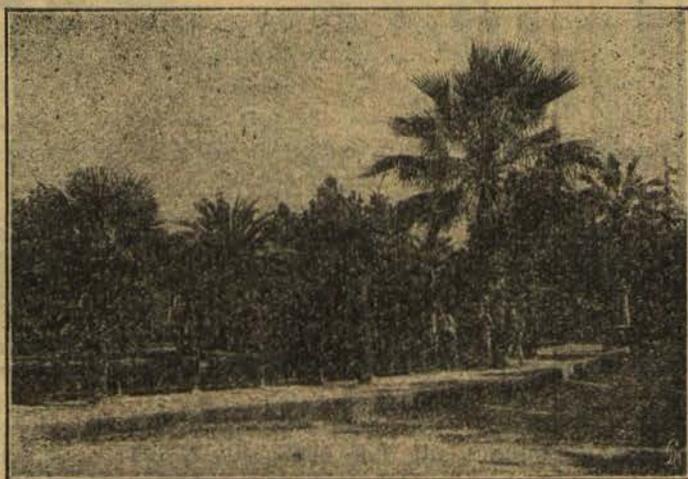
.....  
Passava a Esposa de D. João II, em Julho de 1484, de Obidos para a Batalha, ao encontro do Marido, para ali assistirem ás exequias de D. Afonso V. A uma legua de Obidos, n'um sitio cercado de matos e de pequenos campos de lavradio, onde existiam uma pequenita casa e outras em ruinas, viu D. Leonor bastante gente banhando-se n'umas aguas, cujo fumo denunciava estarem em ebolição.

Investigando da razão porque

aquela gente assim procedia, responderam-lhe que eram reumaticos, entrevados, etc., que ali procuravam linitivo aos seus males. Prometeu logo a rainha oferecer melhores comodidades, n'um futuro proximo; e em 1485, voltando a mulher de D. João II ás Caldas, a dar satisfação aos seus compromissos, instituiu, á custa dos seus proprios rendimentos, a casa de beneficencia. No reinado de D. João V, em 1750, o rei-magnanimo imprimiu-lhe o caracter tipico das suas construções; e assim vemos levantados pelo emulo de Luiz XIV, os trabalhos artisticos da capela do hospital (egreja matriz), fachada do estabelecimento hospitalar, paços municipaes, etc.

E' conhecidissima a eficacia das aguas das Caldas da Rainha.

Sulfureas-cloretadas-sodicas, com grande quantidade de sulfidrico livre e cloreto de sodio, tem a temperatura constante de 34°5, dando todas as nascentes mil litros por minuto. Não se limita aos predicados terapeuticos a riqueza d'esta vila. O seu pitoresco, e dos arredores, o centralisar uma vasta região limitada pelo poente de praias



PARQUE-Vista do lago

encantadoras — Nazareth, S. Martinho do Porto, Foz do Arelho, Baleal, Peniche, etc., de pequenos pontos onde surgem aguas termaes para diversas doencas — Serra do Bouro, Pocinho ;

onde ha atrativos historicos — Obidos, Alcobaça, Batalha ; a comodidade moderna : a quatro horas de Lisboa, apontam Caldas da Rainha como um local privilegiado, talvez unico no paiz. Fóra da capital, difficilmente se encontrará praça mais abundante em peixe, em fructas, em todos os generos. A fórma captivante d'uma população generosa, os dotes naturaes d'uma sorridente vila, onde a flóra exuberante dá o braço a

um clima ameno, oferecem sensações peregrinas, que uma vez sentidas pelo turista, jámais esquecem.

Eu julgo que no paiz ninguem haverá que não conheça Caldas.

A sua estação thermal, de 15 de Maio

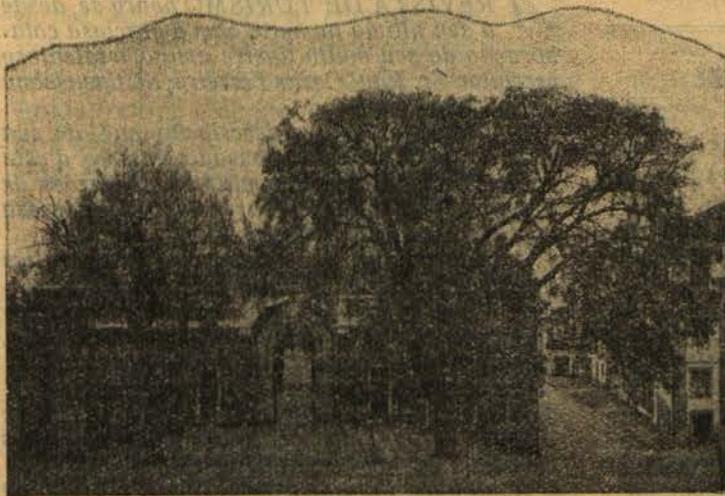
a 31 de Outubro, é uma *étape* percorrida pelas gerações elegantes de largos anos.

Pelo seu grandioso parque e pela sua bela mata tem passado tudo quanto tem



Um aspecto da mata

havido de mais *chic* no meio nacional. E não poucas vezes, quando entregues ao realismos de Zola, ás descripções naturalistas de Michelet, ou á intriga politica, surgiu o monoculo de Raphael Bordalo Pinheiro, procurando as linhas com que no «*Antonio Maria*» tracejava os perfis dos evidenciados, de ha uns bons vinte anos. Mas esquecer o mestre n'um meio onde a ceramica constitue uma das primaciaes industrias, seria mais do que uma falta — um crime. Nas *estatuas do Bussaco*, n'esses barros em que só falta o sopro que lhes insuffle a vida, ha a alma do artista. São trechos do espirito de Raphael Bordalo Pinheiro. E nos pequeninos artigos de *ménage*, nos brinquedos infantis e em tantas outras coisas, sente-se a transmissão do seu genio estranho, insubstituível.



Entrada do Parque

A cerâmica data, nas Caldas, desde 1488.

A indústria local ramifica-se ainda. Existe a de tecidos de verga e conservaria. As *cavacas das Caldas*, possuem, com jus, a popularidade das *queijadas de Cintra*, dos *ovos moles de Aveiro*, das *arrufadas de Coimbra*, etc.; e as cestinhas de verga, em que se acondicionam, são feitas com tanta arte, algumas tão microscópicas, que bem representam *bibelots* feitos com a mais requintada arte e fino gosto.

A três kilometros de Caldas, no caminho da Foz, encontram-se os banhos das *Águas Santas*, fundados em 1853, de bons resultados para doenças cutâneas.

Para o sul levanta-se o hospital de S. Isidoro, devido a um legado benemerente de Isidoro Alves de Carvalho Aguiar.

A vida da Caldas, na *epocha*, é simplesmente movimentada, ainda que os esforços dos amigos d'esta vila não lhe imprimissem o apogeu em que a querem divisar. A recente delegação da *Propaganda de Portugal* esforça-se para a tornar conhecida, e remodelal-a. Mas essas pequeninas cousas, que hão de vir, são aperfeiçoamentos do que naturalmente já está dotada. Então Caldas, que já possui a magia de chamar o turista, que tem a força hipnótica para o prender em mil cousas simples, mas extasiantes, alcançará, como o Portugal de Julio Dantas — *umas azas para voar!*

PIRES MACHADO

## Hoteleria Portuguesa

### Hotel Europa

ENCONTRA-SE já em exploração o novo «Hotel Europa», que fica situado na Praça de Camões, n'um dos mais centraes e acessiveis sitios de Lisboa.

Este Hotel, que se acha sob a direção d'um habilissimo hoteleiro Suisso, está bem instalado, e pertence ao activo e inteligente industrial sr. Alexandre d'Almeida, proprietario dos Hoteis Metropole e Frankfort, do Rocio, e actual arrendatario do Palace Hotel, do Bussaco.

Com mais espaço faremos a descripção da visita que fizemos a este novo estabelecimento, que vem preencher uma lacuna muito sensivel na nossa Cidade.

## Hoteis do Bom Jesus

Os grandes hoteis do Bom Jesus do Monte, em Braga, foram, ha tempo, adquiridos por uma Sociedade por quotas, cujo fim é explorar condignamente as belezas d'aquella incomparavel região, proporcionando aos visitantes o agradável comodo d'um confortavel repouso nos seus hoteis.

Porém, em vista das condições do momento, essa Empresa, que se intitula «Companhia dos Grandes Hoteis Portuguezes de Turismo», não tem podido expandir a sua ação; limitando-se a manter o existente, todavia, sob uma sabia e criteriosa orientação. Assim, além de ter feito as obras indispensaveis nos antigos edificios dos hoteis existentes, de fórma a tornal'os habitaveis em qualquer epocha, contractou um distincto hoteleiro Suisso, que é quem atualmente tem a seu cargo a direção d'esses importantes estabelecimentos.

Muito folgaremos em poder registar, n'um breve futuro, os beneficios que a ação d'essa Empresa deve proporcionar á bela estancia de repouso que é o Bom Jesus de Braga.

## Na Praia da Rocha

ESTÃO já construidos os alicerces para o Grande Hotel que a Companhia dos Grandes Hoteis de Portugal projecta levar a efeito n'aquella seductora praia algarvia.

Cremos, porém, que, apesar de todos os esforços empregados, o edificio só para o ano de 1922 poderá estar em condições de receber a instalação do Hotel.

## CEZAR FERREIRA

A REVISTA DE TURISMO honra-se, desde o seu ultimo numero, com a graciosa colaboração do seu muito illustre amigo, o talentoso escriptor Sr. Raul Cezar Ferreira, distinctissimo engenheiro naval.

A interessantissima descripção que, de sua autoria, inserimos no passado numero d'esta Revista, sobre uma das ultimas produções de Salgado, foi justamente apreciada pela leveza da forma e concisão do espirito.

Cezar Ferreira, que é uma das mais cultas inteligencias da moderna geração, quiz consagrar a sua admiração pela nossa modesta obra prestando-lhe o concurso do seu muito valôr, como verdadeiro artista da pena, que é.

No presente numero inserimos uma outra produção sua sobre o notavel musico Debussy; chronica — que, por certo, confirma os justos encômios de que o seu auctor tem sido alvo.

Aquí, pois, lhe consignamos, com o preito da nossa mais rendida homenagem, as mais entusiasticas saudações de boas-vindas.

## EXCURSÃO AO ALGARVE

## IMPRESSÕES DE VIAGEM

## DE LISBOA A VILA REAL DE SANTO ANTONIO

CORTAMOS a nossa anterior descrição justamente no meio da viagem de Lisboa ao Algarve — pois que se pode tomar a estação de Beja como ponto médio d'essa nocturnada.

Apreciando o belo serviço do bufete e os *encantos* que aquela estação proporciona aos passageiros, fomos caminhando para o comboio, em demanda dos logares que ocupavamos e onde nos havíamos de fazer transportar até o termo da nossa digressão.

Aconchegados o mais comodamente possível aos estofos, preparamo-nos para amenisar o resto da viagem com um absoluto repouso, fazendo recolher á escuridão d'um somno reparador, os olhitos cançados de, com desgosto, transmitirem á alma tanta coisa que... nada a regalava.

— E assim foi.

Pouco depois de partirmos da estação de Beja, remetemo-nos á região onde os idealismos teem, quasi sempre, um vasto campo d'ação... morbida.

...E adormecemos.

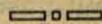
Isto é — o nosso Director não houve meio de se ageitar com a *comodidade* oferecida pelos estofos do compartimento onde, até ali, nos tínhamos conservado como unida trempe e esgueirou-se paulatinamente em procura d'um cantinho, onde melhor pudesse encontrar cama para o seu alquebrado corpo.

Não foi, porém, feliz; porque se, aparentemente, o seu physico se recostou com um mais facil prazer, o seu espirito é que não achou ambiente propicio a um passageiro descanço. Talvez, como uma manifestação d'agrado por tão distincta presença, os outros companheiros de viagem e... da desgraça, começaram entoando uma musica de difficil comprehensão, tal a difficuldade de se distinguirem os sons e os

instrumentos em que cade um... fazia mais barulho para encomodar os outros.

Emfim, cerrando um olho, abrindo outro e fechando os dois simultaneamente, lá foi passando a escuridão da noite, meio embalado no cadenciar dolente do rodado ao passar nas costuras da linha; monotonia entrecortada, de vez em quando, pelo pregão d'um empregado ferro-viario annunciando a estação em que se parava.

O Secretario e o Chefe da propaganda cumpriram bem o seu dever, recostando-se com entusiasmo nos braços de Morfeu, que os requestou até aparecerem os primeiros raios do sol — ia-se, pouco mais ou menos, a entrar na grande Provincia do Algarve. A maquina, então, sorvia á largos haustos, pela dianteira chaminé que se dilatava a cada violenta inspiração, o ar que lhe era indispensavel para fazer galgar, pela ingreme ladeira da Serra do Caldeirão, as centenas de toneladas que pezava o comboio que redocava.



Estavamos já no Algarve. A nossa atenção concentrou-se em admirar a pay-sagem algarvia, tão interessante, tão original, tão diferente da das outras provincias portuguezas.

O aspecto que então se gozava era diferente do que se pode contemplar em outras estações do ano; pois, em Fevereiro, a flora, ainda despida da camada verde da folhagem, apresenta-se n'um panorama diverso do que se pode apreciar no verão.

Todavia, não deixa de ser curioso a figura exquisita das figueiras em esqueleto, mostrando-se no conjuncto intenso da sua povoação sobre uma terra vermelha,

que não se sabe se foi tinta pelo sangue dos Arabes, se córada pelas insistentes confidencias do Sol.

N'esta meia contemplação, refrigerada por uma leve brisa, lembrámo-nos de Odemira, que nos avivou a recordação de nos termos ali separado, uma vez (já lá vão muitos anos) d'uns lindos olhos que nos suggestionaram toda uma noite de agradável viagem.

D'essa vez—e ha quantos anos isso foi! — pareceu-nos a viagem mais suave e curta...

— Oh! A memoria acusou-se ao ouvir: *Odemira!* — E' um nome com poesia, mas uma poesia triste, talvez mesmo mystica...

...E d'ahi, pode ser que, para nós, a tristeza provenha de.. qualquer coisa.

Separámo-nos d'essa estação sem que os nossos labios não fossem pronunciando essa singelissima estrofe...



Dentro em pouco chegámos a Tunes, entroncamento com a linha de Portimão e Vila Real.

Eram horas de se tomar a refeição da manhã e por isso nos preparámos para

ir ao restaurante, onde áquela hora habitualmente serviam um liquido negro de sabor exquisito, a que davam o nome de café. Mas, emfim, era um *engano* para o estomago.

P'ra lá nos dirigimos. Démos, porém, com os olhos na porta...

Como tinha terminado o prazo do arrendamento, o locatario havia já deixado a exploração do restaurante, achando-se este por conseguinte, fechado.

Ficavamos sem o primeiro almoço, se a nossa providencia, mais uma vez posta em prova, não tivesse feito guardar um abundante resto da nossa ceia da vespera.

Por isso, não nos ralámos; apenas constátámos o facto, digno do mais severo reparo.

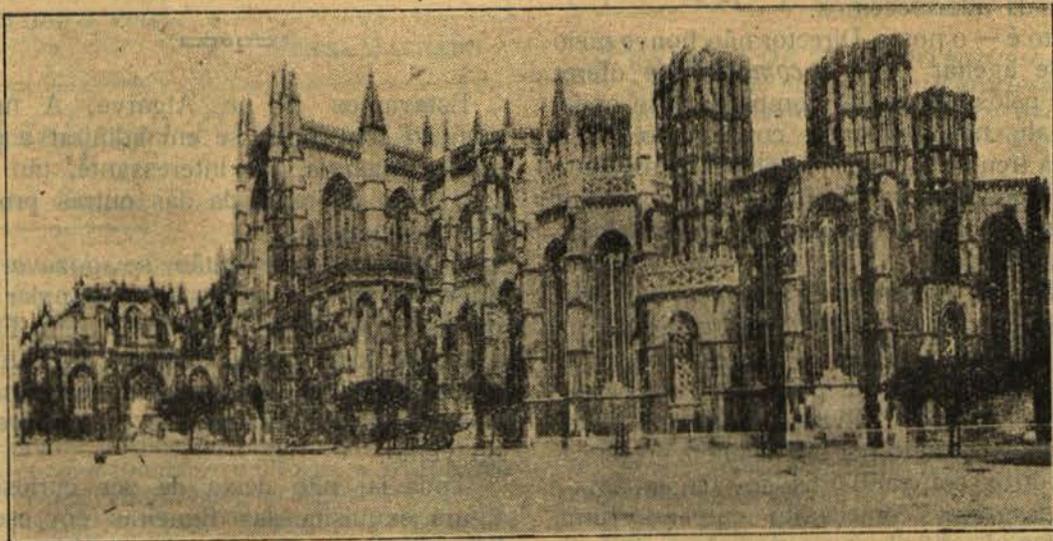
E' uma crueldade a que sugeita um passageiro, depois de passar uma noite mal acomodado, de lhe despertar o apetite com uma deliciosa paysagem e de se lhe dar a esperança de poder tomar uma refeição, mesmo leve, encontrar fechado o sitio onde ela devia ser servida.

Coisas nossas.

(Continua).

A. L.

## A NOSSA CAPA



Mosteiro da Batalha

## CARTAS DE PARIS

### Paris a Marselha — Nove comboios expressos — Um incidente burlesco — Marselha e o seu magnifico porto de mar

DE ha muito que eu sonhára um passeio á *Côte d'Azur*, essa tira de sol e de mar na Europa Central, que muito se parece com o nosso Estoril. Varios adiamentos e novos projectos, até que um dia me resolvi. Ha de sêr no sabado—impuz a mim mesmo. E assim foi.

De Paris a Marselha e a Nice, o serviço de caminhos de ferro passa por sêr o melhor da França, o que é facil de verificar examinando-se o horario onde figuram nove comboios rapidos em cada sentido. Isto equivale a dizer, que o embarço é só na escolha do trem a tomar. Um, porém, salta á vista: — é o que partindo de Paris ás 8 horas, chega a Marselha ás 9,40 da noite, percorrendo n'esse lapso os 872 kilometros que separam as duas cidades.

Logar marcado com antecedencia, foi um dos habitos que a guerra nos legou. Hoje, porém, já não é necessario essa previdencia. Ha logar para toda a gente e até para os retardatarios, como eu, que desde ha muito adquiri o costume de chegar á ultima hora, e isto pelo velho principio de que as estações se fizeram só para acesso aos comboios.

O comboio em que viajei era enorme, estendendo-se, como uma grande serpente, por toda a plataforma.

Chegados ao logar arrumaram-se as malas—perdão a mala, porque manda a boa regra turistica, reduzir a bagagem ao minimo, evitando-se assim têr que esperar pelo moço, discutir com os parceiros que querem ocupar o seu espaço e o nosso e de trazer lembranças á familia...

A's 8 horas partimos.

Desdobrados os jornaes da manhã, a dar tempo ao comboio para galgar o casario parisiense, esperámos pacientes a paisagem campesina, que a primavera prematura d'este ano já devia alegrar. Puro engano. Passado Paris e atravessada uma parte da floresta de Fontainebleau, a campina é deserta, e o arvoredado, sem folhas. E' triste e banal.

Resignados ao compartimento, já tinhamos ouvido três vezes a descripção d'uma grandiosa batalha que um velho alferes remúia, e em que elle se notabilisára. Já tinhamos bocejado quatro vezes, quando a monotonia foi cortada por um pequeno incidente, em que entrou uma matrona, com ares de botequineira de Paris, e a sua malinha — a sua adorada mala — dizia ella — onde trazia uma placa da Legião d'Honra, que comprára em Paris, para o seu genro (ainda ha sógras!) e que acabava de lhe faltar.

Como podia essa *santa* sogra aparecer agora ao seu *beau-fils* sem a condecoração?—E enquanto a mulher procurava o sacco, em baixo do banco, por cima das prateleiras, nos corredores, amaldiçoando a sorte e rogando pragas, os seus gritos e gestos sentiam-se como se fossemos nós os detentores do seu amanho, que nada nos importava esse infeliz episodio na triste vida da mulhersinha.

Comtudo, iamos estando já comovidos com aquela desgraça, dadas as tetricas côres com que eram pintadas; tendo até alguem alvitrado fazer-se-lhe uma subscripção para a compra d'outra placa.

—Isso era, porém, impossivel—mascava a mulher com a saliva a espumar de raiva. Em Macon — para onde ella se dirigia — não havia condecorações, e o seu genro

já ha três semanas que esperava pela que ela ficou de lhe levar.

No meio d'esta atrapalhação, surge uma dama trazendo a malinha, alçada, na mão. Tinha-a encontrado no lavabo.

Oh! ditosa alegria.

A mulhersinha não sabia se havia de chorar se havia de rir. Por fim acabou por sorrir de contentamento em face do seu precioso sacco contendo a preciosa condecoração. Abriu-o, porém, busca, rebusca, deita para fóra, nervosamente, o seu contheudo; mas a atrapalhação foi tanta que o pó d'arroz polvilhou-se pelo chão, onde já estavam o dinheiro, o bilhete, anéis, *chi-chis*, etc., etc.

Faltava, porém, a placa da Legião d'Honra.

Tinha sido um ladrão, um abominavel gatuno, que entrára no lavabo após ella; e metendo as suas mãos impuras entre tanta coisa intima, levava aquelle pedaço de esmalte branco que ia sêr a maior alegria d'um lar n'essa radiosa manhã de março.

Tableau.



Lyon, a linda cidade do Rodano e do Sagone, com as suas pontes e os seus outeiros, veiu quebrar a tristeza campestina da viagem. Os seus primeiros aspectos são d'uma cidade Suissa, com os seus chalets, os seus jardins e relvados. O comboio perfura-a de lés a lés, deixando-nos, no entanto, n'uma rapida visão, o aspecto seductor dos dois rios que mais abaixo se vão unir n'uma longa fraternidade.

A paisagem modifica-se; o casario das aldeias e vilas, é mais alegre; o vêrde do arvoredado é já mais pujante. Valencia aninhada á beira do Rodano, lembra uma cidade castelhana. Mais abaixo Avinhão, com a sua casa dos Pápas, no alto, a dominal-a, evoca-nos grandezas passadas. Segue-se Tarrascon, patria celebre do famoso Tartarin, fazendo-nos folhear na lembrança essa deliciosa phantasia de Daudet, que tanto fez irritar as tartosconezes, mas que agora consideram com grande satisfação um valioso réclame á sua terra natal.

Rigorosamente á tabela, chegámos a Marselha; e de maleta na mão fomos á procura d'um quarto, como a fadiga de perto de quatorze horas de viagem exigia.

Não foi difficil topa-lo, pois logo no primeiro hotel os havia, em boa conveniencia de comodidade e... de preço.

Mal luzia a janela saltámos para a rua. E' preciso vêr o aspecto matinal da cidade, e Marselha, a que, segundo reza o guia, dois dias bastam, tem muita coisa que ver, começando pelo seu magnifico porto de mar, e por onde encetámos a nossa primeira manhã.

O velho porto de Marselha, só já serve para pequenos barcos; a grande navegação faz-se no porto artificial, onde se encontram navios de todas as nacionalidades e para todas as direções.

A estabilidade do Mediterraneo, pelo motivo das marés não se fazerem quasi sentir, concorre poderosamente para o regular movimento do porto.

As obras que ali se executaram são grandiosissimas, e as instalações do porto que são formadas por navios docas ao longo da costa, são cercadas por uma alta muralha do lado do mar, onde fizeram uma avenida, e onde se não fosse a ventania que sopra em Marselha durante 325 dias por ano, seria uma delicia passeiar vendo d'um lado um mar sempre azul, e do outro o movimento formidavel do porto, com as suas centenas de navios encostados ao caes, n'uma grande faixa de trabalho.

Paris, Abril de 1921.

GUERRA MAIO



## REVISTA DE TURISMO

LARGO BORDALO PINHEIRO, 28

### ASSIGNATURA

PORTUGAL (Cont.)—Semestre.....	Esc. 1\$50
Ano.....	Esc. 3\$00
COLONIAS—Ano.....	Esc. 5\$00
EXTRANGEIRO—Ano.....	Esc. 6\$00

Numero avulso \$30 (300 réis)

## CANÇÕES

*Eu hontem passei o dia  
Ouvindo o que o mar dizia.*

*Chorámos, rimos, cantámos.*

*Fallou-me do seu destino,  
Do seu fado...*

*Depois, para se alegrar,*

*Ergue-se, e bailando, e rindo,  
Poz-se a cantar  
Um canto molhádo e lindo.*

*Ó seu halito perfuma,  
E o seu perfume faz mal!*

*Deserto de aguas sem fim.*

*O' sepultura da minha raça  
Quando me guardas a mim?....*

*Elle afastou-se calado;  
Eu afastei-me mais triste,  
Mais doente, mais cansado...*

*Ao longe o Sol na agonia  
De rôxo as aguas tingia.*

*«Voz do mar misteriosa;  
Voz do amor e da verdade!  
— O' vôz moribunda e dôce  
Da minha grande Saudade!  
Voz amarga de quem fica,  
Trémula voz de quem parte...»*

*.....*  
*E os poetas a cantar  
São echos da voz do mar!*

(Do ultimo livro de ANTONIO BOTTO)

## MUSICA

## CLAUDE DEBUSSY

(30 D'ABRIL)

**F**AZ hoje 19 anos que, pela primeira vez, se representou, na «L'Opera Comique» de Paris, a genial obra d'este delicado musicista «Pelleas et Melisaud», modelada no drama de Maeterlink.

Debussy, que transpoz os umbraes da Gloria com «Pelleas et Melisaud», pela mão, foi motivo de atroz critica, não merecendo, sequer, consideração o facto da predileção em que sempre foi tido por Guiraud.

A sua obra sempre certa, como que palpitando o terreno só caminhado quando o achava firme, foi um successivo desabrochar.

Nascido em 22 de agosto de 1862, em Saint-Germain en Lage, filho de abastados proprietarios, teve sempre especial inclinação para a musica; frequentando o Conservatório de Levegnac e de Marmontel, de muito joven idade.

Em 1875 consegue o primeiro accessit de piano; e em 1877 o segundo premio.

O seu lugar de alumno distincto estava conquistado; conquista que foi confirmada com premios subsequentes.

De composição, é discipulo de Guiraud.

Começando a viajar, ponde-se compenetrar nas varias escolas de musica; tendo-se sempre impressionado com a dolencia da musica russa.

E' aquella expressão de cançasso morbido, uma fadiga da vida que, dando uma característica á tonalidade do «folklore» eslavo, a tornam esplendidamente bela.

E' Debussy que traz para a Europa o orientalismo na musica; mudou o seu objectivo, a inspiração; empregou motivos novos, novas tonalidades; a musica deixou de representar estados de alma para ser poesia e pintura.

Deixou, talvez, de ser mais sciencia, para sensibilisar mais como arte.

Toda a sua descripção é como que uma apothese á natureza, corporal, sensitiva, em contradição com o classicismo da musica romantica, sempre pretenciosamente divinal.

E' um hymno ás coisas vivas!!

A vida italiana, a sua paysagem, a luz dos Campos Romanos inspiram-lhe, «Printemps» (suite symphonique) 1886—a sua primeira obra que verdadeiramente incitou critica.

Vem depois:

«La Demoiselle Elve» tirada do poema de Rossetti—1887—e «Les Cloches» de Bourget—1887.

E' Bourget agora que se impressiona, e que levanta uma celeuma á volta do nome do mestre.

A critica é mais agressiva e isto é indicação que o interesse que se vae desenvolvendo é motivo para que Debussy não deixe de trabalhar.

De 1888 a 1892 é Debussy prodigo em produções que não vem trazer vislumbre á sua composição e que são a continuidade da obra encetada. Em 1894 aparecem as «Proses lyriques»—um poema de um lyrismo inconfundivel.

Em 1898 entre outros trabalhos, aparece «Le Tombeau des Naiades».

Em 1902 «Pelleas et Melisaud».

Debussy não se deixa embalar pela gloria de «Pelleas» e continua a trabalhar. Assim em 1903, Pagodes, Soirée dans Grenade asseguram-lhe a coroa de louros que conquistou para a sua obra.

Marques, La Mer des Rondes de Printemps, Gígues etc. são varias tonalidades da sua genial originalidade.

Abril de 1921.

CESAR FERREIRA

## RIQUEZAS PATRIAS

## CASTELOS DE PORTUGAL

Nas terras do Sul, a raça arabe deixou assignalada, a sua passagem e a sua occupação, nos olhos negros e fataes que rebrilham na graça morena da mulher do Alemtejo e tambem na do Algarve, e n'essas velhas mesquitas e torres de menagem que se levantam dos pequenos montados. No Alemtejo, essa graça feminina irrompe dos campos do trigo que enche os celeiros; no Algarve, contemplamo-la vendo-a elevar ao ceu, n'uma permanente adoração, os galhos esguios das figueiras redondas que vestem o seu solo.

Em Evora, o hotel é, infelizmente, mais do que modesto; em Faro, porem, encontra-se bom alojamenio no Grande Hotel. Referindo-nos ao Alemtejo, passamos em revista o que de mais interessante lhe encontramos.

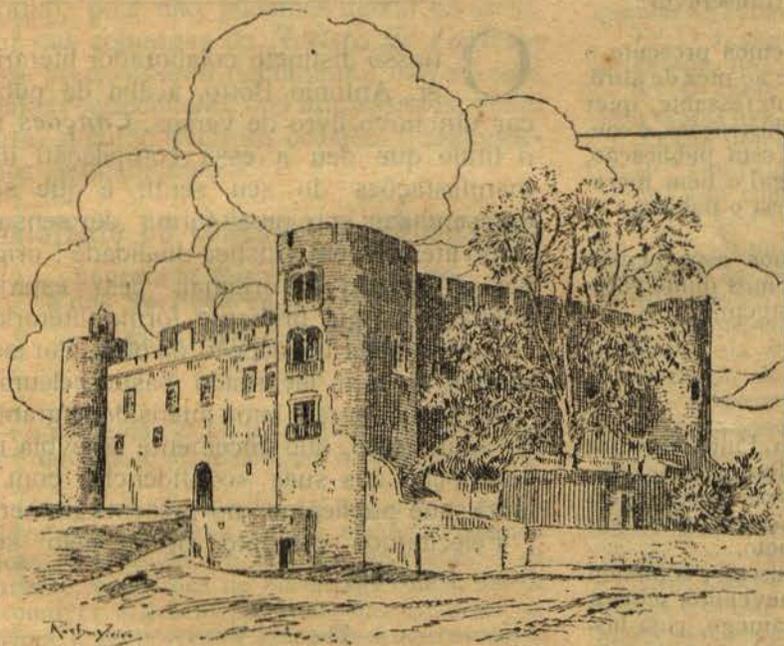
*Arraiolos* a 24 kilometros, em comboio, tem um formoso castelo que uma derrocada lenta vae esfarrapando, e cujas ruinas em noite de luar, parecem uma legião de cavaleiros gigantes das campanhas da Idade-Média. A recomendar a antiga vila alemtejana, ha a afamada industria dos seus tapetes, que se revigora de novo com o carinho que uma velha familia faz resurgir uma tradição caseira.

*Extremoz*, a janota vila do Alemtejo, tão branca e garrida como se a neve das invernadas, que ela por certo nunca viu, a cobrisse com o seu manto de armiño, tem tambem no alto do seu casario, uma velha torre de menagem, com 27 metros de altura, tão irta e solenne, como o orgulho da beleza devassa da formosa rainha Leonor Teles, ao passar, entre os cortezãos, no palacio que assenta junto da torre, e que D. Diniz mandára edificar, e onde a rainha Santa foi

dar as suas ultimas esmolos e os seus ultimos alentos.

Extremoz tem um bom hotel, onde pela grandeza das suas habitações e pelos marmores da sua vasta escadaria, o hospede se sente instalado n'um antigo solar de uma velha familia do Alemtejo.

Voltando a Evora, e a Casa Branca, e



Castelo de Alvito

Evora, receptaculo sagrado de tanta joia de arte e architectura, pode servir para quartel general de uma digressão no Alemtejo, assim como Faro, para a provincia do Algarve.

Qualquer d'estas cidades tem faceis meios de transporte para um turista exigente.

tomando-se aqui o comboio para o Sul, temos em *Alvito*, perto da estação e entre o jardim municipal, o castelo, alto como os «Chateaux» da Normandia e rendilhado de ameias, dentro do qual existe ainda o solar do Conde Barão de Alvito.

Castelo e solar estão em bom estado, e a visita é facilitada ao publico.

Hotel modesto.

G. M.

## REGISTO

### A Epoca

O nosso muito prezado colega a «A. Epoca», referindo-se á publicação do n.º 106 da *Revista de Turismo*, insere a seguinte noticia que nos permitimos a liberdade de transcrever :

«*Revista de Turismo*. — Temos presente o n.º 106 d'esta Revista, referente ao mez de abril.

E', como sempre, muito interessante, quer pela parte literaria, quer pelas illustrações, e continua as honradas tradições d'esta publicação, unica no seu genero em Portugal e bem merecedora do favor que lhe dispensa o publico.»

Desvanecidamente registamos esta penhorante referencia ; que agradecemos muito reconhecidos pela sincera camaradagem.

### Quadras Populares

SUA Ex.<sup>a</sup> o Padre Francisco Pinto Ferreira teve a amabilidade de nos oferecer um exemplar das suas «*Quadras Populares ou trovas em honra de Nossa Senhora da Lapa*» que coligiu e anotou n'um interessante folheto.

Tambem nos enviou um opusculo, contendo uma entrevista com o padre Benevenuto, sobre a *Nossa Senhora da Lapa*, em Lamego, cuja historia, pelo que tem de interessante, nos permitimos a liberdade de a dar á estampa n'um dos proximos numeros d'esta Revista.

A S. Ex.<sup>a</sup> o Padre Pinto Ferreira dirigimos d'aqui os nossos mais reconhecidos agradecimentos.

### «Le Vie d'Italia»

RECEBEMOS o n.º 2 d'este importantissimo orgão da industria de Turismo em Italia, referido ao mez de Fevereiro passado.

O seu aspecto e o seu interessante contexto, iluminado por esplendidas e elucidativas gravuras, confirmam as justas e elogiosas referencias que lhe tem sido feitas pela imprensa mundial de turismo.

Ao ilustre confrade italiano apresentamos os nossos cumprimentos de boas vindas.

### Comercio da Madeira

ESTE ilustre confrade funchalense transcreve, em logar principal, a carta do nosso correspondente no Funchal que inserimos em o ultimo numero da *Revista de Turismo*.  
Agradecemos a distinção.

## CANÇÕES

POR ANTONIO BOTTO

O nosso distincto colaborador literario, sr. Antonio Botto, acaba de publicar um novo livro de versos. *Canções* foi o titulo que deu a essa compilação das manifestações do seu sentir e que são apresentadas sob uma fórmula de sensualismo literario, em artistica dualidade : original e curioso ; — original, pelo espirito aduado a uma brilhante fórmula literaria ; — curioso pela concepção da obra. Por isso esse livro tem levantado basta celeuma.

N'ele, ha, porém uma intensidade grande de sentimento, que dôcemente se evolva na descripção das suas «confidencias com o mar» que publicamos no presente numero.

Felecitamos Antonio Botto pelo seu novo trabalho.

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.

## OS SYNDICATOS D'INICIATIVA

### SUA CONTITUIÇÃO OFICIAL

**N**OTICIAMOS, em o passado numero d'esta Revista, que ia ser publicada uma lei instituindo os *Syndicatos d'Iniciativa*, com a atribuição principal de promoverem o desenvolvimento das estancias hydrologicas, climatericas, d'altitude, de recreio e de repouso, para assim se atender a uma das mais ingentes necessidades do turismo em Portugal.

Hoje temos a satisfação de informar que essa lei foi publicada no Diario do Governo n.º 84 da 1.ª serie, referido a 23 d'Abril passado, d'onde a transcrevemos textualmente (para não lhe tirar o sabor da forma nem o pitoresco da sua orthografia), pois não podemos deixar de archivar nas columnas da *Revista de Turismo* esse preciosissimo documento, não só para maior conhecimento dos interessados, como para, quando tivermos occasião, o analysarmos detidamente.

#### MINISTERIO DO COMERCIO E COMUNICAÇÕES

Secretaria Geral do Ministerio  
e dos Serviços de Obras Publicas

#### REPARTIÇÃO CENTRAL

Lei n.º 1.152

**E**M nome da Nação, o Cengresso da República decreta, e eu promulgo, a lei seguinte :

Artigo 1.º São criadas em todas as estancias hidrológicas e outras, praias, estancias climatericas, de altitude, de repouso, de recreio e de turismo, comissões de iniciativas com o fim de promover o desenvolvimento das estancias, de forma a proporcionar aos seus frequentadores um meio confortavel, higienico e agradavel, quer executando obras de interesse geral, quer realizando iniciativas tendentes a aumentar a sua frequencia e a fomentar a industria de turismo.

§ 1.º Para os efeitos deste artigo são consideradas estancias hidrológicas todas as localidades onde são exploradas uma ou mais nascentes de aguas minero-medicinaes, e respectivo estabelecimento balnear, por qualquer entidade ou empresa, conforme o alvará ou licença que lhes tenha sido concedido pelo Governo, nos termos da legislação em vigor.

§ 2.º A área que deve constituir qualquer estancia hidrológica deve ser determinada pelo Governo, ouvida a Inspeção de Águas Mineraes.

§ 3.º A classificação de todas as outras estancias será feita pelo Conselho de Turismo e deverá ser publicada em decreto do Ministerio do Comércio e Comunicações.

Artigo 2.º As comissões de iniciativas a que se refere o artigo 1.º serão constituídas em cada estancia pelos seguintes vogais :

- 1.º Um delegado do municipio ;
- 2.º Um delegado da Junta de Freguesia ;
- 3.º Um delegado de cada uma das entidades que explore aguas da estancia ;
- 4.º Um médico director clinico ou adjunto de cada estancia ;
- 5.º Um delegado da Sociedade de Propaganda de Portugal ;
- 6.º O capitão do pôrto ou delegado maritimo quando as estancias sejam das praias ;
- 7.º O regente florestal quando haja matas do Estado, nas proximidades ;
- 8.º O chefe de conservação das obras da área respectiva ;
- 9.º Um hotelciro ;
- 10.º Um proprietário ;
- 11.º Um comerciante.

§ 1.º São vogais natos os dos n.ºs 4.º, 6.º, 7.º e 8.º. Os indicados nos n.ºs 1.º, 2.º e 3.º são escolhidos pelas respectivas colectividades entre os seus membros.

O correspondente ao n.º 5.º será um dos membros da delegação local da Sociedade de Propaganda de Portugal, e, na sua falta, um sócio da mesma Sociedade e por ela indicado.

Os mencionados nos n.ºs 9.º, 10.º e 11.º serão eleitos pelos individuos que na localidade exercem a respectiva profissão, e que serão convocados para o acto eleitoral pelo respectivo administrador do conselho, devendo cada classe eleger o seu representante.

Esta eleição tem lugar na localidade da estancia, perante o mesmo administrador do conselho ou um seu delegado, efectuar-se há durante a época em que a estancia funcionar, e as funções dos seus membros durarão dois anos.

§ 2.º No primeiro biénio farão parte da comissão os individuos das respectivas classes, residentes permanente ou temporariamente no local da estancia, que pagarem maior contribuição pelo exercicio da industria de que são representantes.

§ 3.º As comissões elegerão na sua sessão de instalação, cuja posse lhes será dada pelos administradores dos concelhos respectivos, um presidente, um vice-presidente, um tesoureiro, dois secretários e um administrador delegado,

os quais terão as atribuições que lhes serão definidas no regulamento desta lei.

§ 4.º Estes cargos são gratuitos.

§ 5.º Estas comissões gozarão de isenção de franquia postal quando se corresponderem com as repartições do Estado.

Artigo 3.º As comissões de iniciativas podem executar obras e realizar quaisquer melhoramentos em locais dependentes da acção do Governo ou das corporações administrativas, quando os respectivos projectos forem aprovados por aquelas entidades, não ficando, porém, estas ou quaisquer outras obras ou melhoramentos sujeitos ao pagamento de qualquer taxa ou licença.

§ único. Quando os respectivos projectos não tenham sido devolvidos às comissões sessenta dias depois de entregues, consideram-se aprovados.

Artigo 4.º Serão consideradas como obras de utilidade pública, e como tal sujeitas à lei de Julho de 1912 e seu regulamento, as que forem declaradas por decreto do Ministério do Comércio e Comunicações, sob parecer do Conselho do Turismo, com voto da Inspeção de Águas Minerais, quando se trata de obras em estâncias hidrológicas, mediante proposta das comissões de iniciativas.

Artigo 5.º Os fundos das comissões de iniciativas serão constituídos pela cobrança duma taxa especial denominada de Turismo, paga pelas pessoas que frequentam as estâncias e nelas tenham residência própria, por uma percentagem equivalente a 15 por cento da contribuição industrial, paga pela sociedade ou entidades que explorem as concessões de águas minero medicinais, ou nela exerçam qualquer comércio ou indústria, por uma percentagem de 10 por cento sobre a contribuição predial das propriedades da localidade e por quaisquer outras receitas que as mesmas comissões possam angariar.

§ 1.º Todos estes fundos, importâncias e taxas cobradas, deduzidas as percentagens estabelecidas pelo § 4.º, que deverão por uma só vez ser respectivas entidades, até o fim de cada ano económico, serão depositados por cada comissão na Caixa Geral de Depósitos ou na sua delegação à sua ordem, só podendo ser levantados mediante requisição assinada pelo presidente, tesoureiro e administrador delegado, e só podendo ser aplicados em melhoramentos locais nas condições da presente lei.

§ 2.º A taxa do turismo pode ser estabelecida por indivíduo ou indivíduos e por dia de permanência ou independentemente do tempo de permanência; pode comportar atenuantes motivadas quer pela idade, quer pelo número de pessoas de uma mesma família; pode também ser baseada na natureza e preço do aluguer dos locais ocupados. São excluídos do pagamento da referida taxa os indigentes e prazos do pré; podem também ser excluídas, total ou parcialmente, as pessoas que pelos seus traba-

lhos ou profissões participam do desenvolvimento das estâncias.

Partindo destas bases, as comissões de iniciativa submeterão à aprovação do Governo, por intermédio da Repartição do Turismo, que dará o seu parecer, a importância a fixar como taxa de turismo, a época do seu pagamento e a latitude da sua aplicação.

§ 3.º A taxa de turismo das pessoas que alugarem casas ou estejam nos hotéis será cobrada por intermédio dos proprietários e hoteleiros; todas as outras percentagens serão cobradas pelo tesoureiro da comissão de iniciativas.

§ 4.º 20 por cento dos fundos criados por esta lei serão destinados ao Conselho de Turismo; nas estâncias hidrológicas, porém, a receita deste Conselho será apenas de 5 por cento, devendo os 15 por cento restantes ser destinados ao Instituto de Hidrologia.

Artigo 6.º As comissões de iniciativas poderão contrair empréstimos caucionados com os seus fundos nas mesmas condições em que o podem fazer as corporações administrativas, desde que as propostas respectivas tenham recebido a aprovação superior.

Artigo 7.º As comissões de iniciativas submeterão à aprovação superior, por intermédio da Repartição de Turismo, que sobre elles emitirá a sua opinião, com parecer da Inspeção das Águas Minerais quando se trate de estâncias hidrológicas, até o dia 30 de Novembro de cada ano, os seus relatórios, orçamentos e planos de melhoramentos a executar. Os orçamentos serão devolvidos, devidamente aprovados ou notificados, até o dia 31 de Janeiro, considerando-se aprovados se não forem devolvidos até aquela data.

§ único. Dentro dos limites destes orçamentos têm as comissões de iniciativas completa autonomia administrativa.

Artigo 8.º A fiscalização e superintendência sobre as comissões de iniciativas será exercida por intermédio da Inspeção das Águas Minerais ou Repartição de Turismo, conforme a natureza da estância.

Artigo 9.º Um regulamento especial determinará as medidas necessárias para assegurar a execução desta lei e fixará também quais as formalidades que os proprietários e hoteleiros terão de cumprir para facilitar a percepção da taxa de turismo e quais as penalidades por infracção às disposições relativas à forma de cobrança da mesma taxa. As multas, porém, não poderão nunca exceder o triplo da taxa de que as comissões tenham sido privadas.

Artigo 10.º Fica revogada a legislação em contrário.

Assignada pelo Presidente da Republica e referendada pelos Ministros de todas as Pastas.

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAPHICO COLONIAL - Largo Raphael Bordalo Pinheiro, 27 - (Antigo Largo d'Abegoria)